ENTRELAÇOS DAS INFÂNCIAS: O QUE DIZEM? NARRATIVAS E ESCUTAS POÉTICAS SOBRE AS CULTURAS INFANTIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Paula Sabrina Barbosa de Albuquerque[1]

RESUMO

O presente artigo assenta-se na seguinte problemática: como se dá a escuta às culturas infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental? O trabalho traz um recorte da pesquisa de mestrado, no programa PPGED, em andamento, que pretende discutir sobre as culturas infantis na escola. Objetivando analisar as culturas infantis de um grupo de crianças no cotidiano de uma Escola Municipal do município de Campina Grande-PB. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2010) - alicerçada nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância e Antropologia da Criança – com traços de etnografia e caráter exploratório. Para a realização foram usados como referenciais bibliográficos as obras de Corsaro (2005), Friedmann (2023), Freire (2014), Leal (2024) e outros(as) pesquisadores(as) que dialogam com as infâncias – situadas em suas condições sociais, culturais, históricas, geográficas e estéticas. Nesse delinear, buscamos entender os meios utilizados pelas crianças ao interpretar, situar-se e interagir com seus pares e com os adultos nos tempos em que cotidianamente convivem: cultivando a curiosidade, o pensamento, a dúvida, o protagonismo infantil, a escuta. Conclui-se que para se ter a criança e suas culturas infantis como foco da ação pedagógica nas instituições escolares, entendemos que no caminhar – entre o observar, escutar, dar voz as crianças – faz-se necessário propiciarmos espaços de expressão e reconhecê-las como atores sociais, evidenciando a pluralidade de suas culturas e linguagens.

PALAVRAS - CHAVE: Escuta. Infâncias. Crianças. Culturas Infantis. Ensino Fundamental.

Para dar início a prosa, compartilho o ponto de partida para pensar no objeto de estudo – as culturas infantis no ensino fundamental – e, consequentemente, alicerçar a pesquisa (em construção) através das contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança e estudos do campo da Educação que veem a criança como um "conjunto de populações" com plenos direitos, traços culturais, ritos, linguagens, "imagens-ações". Nesse entrelaçar, eis que o "pulsar" do cotidiano nas instituições escolares nos impulsionou a olhar as relações expressas entre crianças/crianças e crianças/adultos para um possível "desacelerar" das vivências pedagógicas nos primeiros anos do ensino fundamental ressaltando as rotinas "sufocantes" frente os reflexos de uma educação neoliberal. Como também, não podemos deixar de registrar, as propostas impostas nas matrizes curriculares das escolas (relação vertical), além do sistema de

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFCG. E-mail: paulasabrina307@gmail.com.

avaliação adotado por sua maioria que acaba acarretando a "falta de tempo" do(a) professor(a) ao desejar oportunizar vivências de acolhimento às falas e demais expressões das crianças. Na perspectiva de desnaturalizar nossas experiências pedagógicas/sociais e revelá-las como produtos de estruturas sociais complexas e relações de poder para evidenciar a importância de transformar o senso comum em objeto de pesquisa científica (Bourdieu, 1999). Nesse pensar, indagamos: ao migrar da Educação Infantil para o Ensino Fundamental a criança deixa de ser criança e assume apenas o papel de sujeito-aluno? E problematizamos: como se dá as culturas infantis, no 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal X do município de Campina Grande-PB? Dessa forma, foi tomado como mote de discussão o conceito de temporalidades, definido por Oliveira (2012) como sendo a experiência das crianças no e com o tempo. No âmbito da antropologia, na década de 1980, surge o interesse por um olhar para os grupos infantis – apontando que crianças têm linguagens e culturas próprias, têm voz, necessidades e interesses diversos, variando de acordo com o contexto no qual crescem e se desenvolvem. Aqui, discorreremos uma narrativa sobre e com crianças e suas infâncias, sendo elas as locutoras e interlocutoras da possível construção de um cenário de escutas e diálogos que acolhem as culturas infantis como força motriz para a escola contemporânea – a escola das diferenças e diversidades. Este *parti pris* prioriza a criança para, a partir dela, discutir e pensar a escola. Para ilustrar, tecemos algumas falas de uma criança (Valentina Lins, 6 anos) ao me interrogar e procurar entender parte do seu cenário escolar - "Como as crianças aprendem? Como os professores sabem como as crianças aprendem? E como os professores dos professores sabem o que ensinar para eles? De onde eles tiram o que a gente precisa e a gente aprende?" E assim nasce a pesquisa "Entrelaços das Infâncias", na perspectiva de cultivar vozes cotidianas e bases/lutas científicas - em seus contextos escolares - que possam nutrir nosso olhar crítico e sensível quanto às culturas infantis em seus processos de aprendizagem na sociedade contemporânea. Bell Hooks (2013, p.83) com seu "olhar-infância" querendo compreender os escritos teóricos e o cotidiano que habita entre os humanos. Por vezes, sem entender. Por vezes, a questionar: perguntas "mirabolantes", sussurros silenciados, sujeitos (in) visibilizados. O que seria de nós? Imagine: "as crianças são os melhores teóricos [...] insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. A Sociologia da Infância busca "[...] resgatar a infância das perspectivas que a compreendem como um simples período maturacional do desenvolvimento humano que se constrói independente das condições históricas,

culturais, e sociais dos indivíduos" (Rodrigues *et al.*, 2014, p. 273). Sobre as culturas infantis, Friedmann (2023) nos convoca a refletir sobre a escuta enquanto ato de acolhimento na contemporaneidade: "torna urgente ampliar o debate sobre o lugar do acolhimento na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, reforçando o seu caráter ético, político e estético". Nesse sentido, esta reflexão de cunho teórico apresenta um apanhado de algumas produções acerca dos conceitos de criança(s) e infância(s). Partindo do princípio de que a negação ou aceitação das "vozes" infantis depende, exclusivamente, das concepções de criança e de infância, assumidas em um dado contexto histórico-cultural, pretendemos realizar uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2010) com inspirações na etnografia e alicerçada nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância. Para Corsaro (2005), a etnografia nos aproxima das culturas das infâncias. Migramos de uma pesquisa *sobre crianças* para uma pesquisa *com crianças.* No caminhar da pesquisa de investigação-ação, as crianças serão os sujeitos. Pesquisar com crianças envolve a valorização das relações presentes entre seus pares infantis, além da relação delas com os adultos. A pesquisa de campo será desenvolvida em uma Escola Municipal de Campina Grande, Paraíba. Acreditando que o ambiente escolhido transparecerá dados imprescindíveis para subsidiar nosso objeto de estudo ao observar o cotidiano de um grupo de 6 crianças do 1º ano. É importante registrar que diferentes ambientes da escola serão nosso "observatório" das experiências infantis – nossos "territórios de escuta". Para Freire, ser criança é um direito: direito a participar ativamente das decisões referentes à sua vida, seja na família, escola ou comunidade. Afinal, qual o lugar de "voz" das crianças nas instituições escolares? E será nesse delinear que produziremos os dados – enquanto frutos da observação participante – para analisarmos e narrarmos os resultados a luz da fundamentação teórica utilizada no trabalho de pesquisa. No paradigma migratório do conceito de criança como objeto passivo do processo de socialização em direção a concepção de criança como agentes sociais ativos e criativos que elas passaram a ser "objeto de interesse também no âmbito das pesquisas e as configuram como formas de escutar as crianças, garantindo suas participações indiretas – quando a investigação se dá sobre ou para elas – e diretas – quando a pesquisa se realiza com as crianças" (Leal *et al.*, 2023, páginas 3-4). Seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, o olhar para as infâncias está "condimentado" de "experiências de infâncias que são pouco ou nada percebidas. Questões culturais, de raça, gênero, classe, dentre outras, atravessam os olhares sobre crianças e suas infâncias, muitas vezes produzindo invisibilidades, indiferenças e apagamentos" (Leal *et al.*, 2023, página 4). Em

síntese: recomeçar a partir e com a criança será um grande exercício de pensar sobre os processos de dominação que ocultam nossas crianças no ambiente escolar e demais espaços sociais. Só saberemos "educar uma criança" se soubermos nos olharmos com/como elas.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. **A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORSARO, William. **The Sociology of Childhood**. London: Sage Publications,2005.

FREIRE, Paulo. **Partir da infância:** diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

FRIEDMANN, A. **Abrir-se a escuta das vozes infantis.** 1. ed. - São Paulo: Phorte, 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEAL, Fernanda; CRUZ, Fernanda Santos da; SILVA, Ana Paula Soares da. **Experiências Brincantes de crianças de escolas do campo:** o que dizem? Linhas Críticas, 2024. Página 3-5.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S . (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Cristiane Elvira de Assis. **Temporalidades no/do cotidiano da Educação Infantil**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFMG), Juiz de Fora, 2012.